

## **BLOG COMO ARTEFATO PEDAGÓGICO: OS DISCURSOS DE GÊNERO POR PROFESSORAS<sup>1</sup>**

TAKARA, Samilo (UEM)<sup>2</sup>

TERUYA, Teresa Kazuko (Orientadora/UEM)<sup>3</sup>

### **Introdução**

Esse artigo se inscreve nas indagações discutidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura, cadastrado no CNPq e liderado pelas professoras Dra. Geiva Carolina Calsa e Dra. Teresa Kazuko Teruya. As instabilidades nas compreensões e noções de identidade, cultura e educação estão entre as problemáticas de pesquisas em que inscrevem as orientações de mestrado e doutorado feitas por essas professoras.

Nesse eixo explicativo, respaldado pelas teorizações feministas e foucaultianas ancoradas nos Estudos Culturais, tomo como questão norteadora: **De que modo os blogs escritos por professoras contribuem para a formação de professoras acerca das questões de gênero?** Essa problemática se inscreve na linha de pesquisas Educação, Mídia e Estudos Culturais e problematiza as contribuições das mídias para a educação, tanto na formação de alunos/as e professores/as.

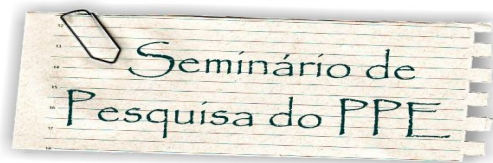
Ao caracterizar a mídia como um território midiático e artefato pedagógico, reconheço e defendo a formação da subjetividade como parte do processo de formação do sujeito para transformar as realidades sociais, culturais, políticas e econômicas de

---

<sup>1</sup> Esse artigo apresenta algumas problematizações discutidas na dissertação de mestrado intitulada **Gênero e Blog: problematizações dos discursos de professoras e professores** (2013).

<sup>2</sup> Mestre e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (Unicentro). Bolsista Capes/Fundação Araucária. Professor assistente colaborador do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM).

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM). Doutora em Educação pela Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho (Unesp/Marília). Pós-doutorado na Universidade de Brasília (UnB). Orientadora e Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura (GEPAC/UEM);



alunos/as e professores/as. As instabilidades, as críticas e as desconfortos desses referenciais contribuem para uma educação plural, que reconheça a igualdade sem silenciar as diferenças que permeiam o espaço escolar e a vida social.

### **Artefatos pedagógicos: os *blogs* como territórios possíveis**

Com a incorporação das mídias no contexto social, cultural, político e econômico, houve adequações nas relações entre os indivíduos e as possibilidades de mediação dos meios de comunicação. Thompson (2011) explica que essa oportunidade de “ação à distância” facilitou os acessos e as relações. Teruya (2006, p. 102) destaca que “as mídias estão transformando a sociedade” e que já é impossível que não se atente aos efeitos que os usos desses meios de comunicação estão causando. É nítido que “as mídias invadiram e deixaram suas marcas em nosso universo”.

As tecnologias de comunicação e informação estão presentes nas relações sociais e educacionais. As mídias interativas disponibilizadas no sistema *web* oportuniza as trocas de informações, de ideias e de experiências (PLANT, 1999, LÉVY, 2000; TERUYA, 2006; SIBILIA, 2008). Araújo (2009, p. 13) comenta que as alterações oportunizaram “um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação” para responder a inserção desses meios de comunicação e suas alterações nas relações e nos processos educacionais.

As mídias tornam-se, segundo Araújo (2009), novos espaços de sociabilidade e oportunizaram outras organizações para a informação, o conhecimento e a aprendizagem. Para Teruya (2006) as tecnologias contribuem ao acesso às informações de forma rápida e esses recursos comunicacionais favorecem o ensino. Friederichs (2009) explica que os usos dos artefatos midiáticos interativos corroboram para que os discursos sejam propagados, discutidos, compreendidos e analisados. Não se depende mais da participação em grandes instituições e empresas de telecomunicação para que seus discursos sejam publicados.

Sibilia (2003, p. 5-6) ressalta que a mídia oportuniza o “testemunho vivencial”. Diferentes pessoas com o acesso a internet acompanham relatos e experiências dos sujeitos que estão dispostos a “criar um eu” como ressalta a autora. A subjetividade

produz textos, fotos, imagens e conta como pensa, onde e em que age e porque vive de determinada forma. O sistema *web* torna-se um espaço que visualiza “a vida como ela é”, como parafraseia Sibilía (2003) uma das frases-títulos de Nelson Rodrigues.

Sadie Plant (1999), em seu livro **A Mulher digital**, relaciona o processo de tecelagem à construção das redes interativas. A autora atribui à internet os adjetivos de interativa e hiperativa. Para a autora, são os fios a tessitura que está presente na relação da mulher com a sociedade desde a tecelagem em antigos teares. Mas o que antes era lançadeira, tear, algodão e tela, hoje, são os fios de silicone, cabos de fibra ótica, telas de *pixels*, a *World Wide Web* também não deixou de ser um emaranhado de fios (PLANT, 1999).

Sibilía (2008, p. 10) alerta que dentro e fora das mídias a criação pode ser “capturada pelos tentáculos do mercado”. Desse modo, a formação dos/as alunos/as precisa de base analítica para questionar e discutir o capitalismo contemporâneo e seus interesses na produção e no envolvimento dos sujeitos com as mídias. A interatividade dá-se por meio da criatividade, e esta, segundo Sibilía (2008) tem se tornado um combustível para o sistema econômico presente.

Araújo (2009) e Teruya (2009) ressaltam a importância de que as gerações que estão em contato e se formando com a colaboração dessas tecnologias devem se aproximar de uma visão crítica sobre os usos e os conteúdos desses meios de comunicação. Para Araújo (2009, p. 14) “consultar a internet requer, antes de tudo, discernimento, a atitude de poder em xeque a informação, a necessidade de se fazer mais perguntas que de encontrar respostas”.

As crianças estão em contato com as mídias desde o nascimento e crescem nesse contexto de experiência e vivência com os aparelhos e seus usos. Para Teruya (2009, p. 160), a contribuição da mídia como um “instrumento essencial para promover a democratização e contribuir para diminuir as desigualdades sociais, culturais e intelectuais” e ressalta as possibilidades de comunicação entre professores/as e seus/uas alunos/as por meio das mídias interativas, por exemplo, o computador conectado à internet. No entanto, a autora alerta que os conteúdos midiáticos devem ser analisados em seus contextos culturais, históricos e sociais. Os usuários da internet precisam desconstruir o discurso midiático naturalizado e respaldar-se em discursos culturais,

filosóficos e bases de pesquisa científica para mostrar as instituições de normas presentes nesses discursos.

Friederichs (2009, p. 33-34) afirma que “o ciberespaço não tem dimensões geográficas bem definidas”. Desse modo, expressar-se nesse espaço é compreender as relações mediadas pelos meios de comunicação como uma possibilidade fora das fronteiras físicas.

[...] o **ciberespaço** pode ser pensado como um espaço de experimentação, onde o sujeito que chega é convocado a um estranhamento dos saberes e “verdades”, dos tipos de normatividade e normalidade pelos quais foi subjetivado. Muitos sujeitos, ao se deslocarem pelo **ciberespaço**, criam outro/s corpo/s para si, metamorfoseando-se em diversos indivíduos, através de ferramentas disponíveis na rede e/ou fabricando um corpo para si, através de palavras (FRIEDERICHS, 2009, p. 35, grifos da autora).

Araújo (2009) considera que as atividades didáticas podem ser feitas tendo as mídias, no caso a internet, como suporte. Komesu (2010) enfatiza a importância das tecnologias digitais na vida humana e suas colaborações para a produção do saber, oportunizando contato com discursos que perpassam as mídias. Entre os diferentes usos, encontro *softwares* que são concebidos para a relação entre os sujeitos que publicam textos, fotos, músicas e vídeos, além de não exigir um conhecimento específico de computação. Entre esses *softwares* destaco o *blog*, considerado “uma corruptela de *weblog*, expressão que pode ser traduzida como ‘arquivo na rede’” (KOMESU, 2010, p. 116-117).

Rodrigues (2011, p. 1-2) explica que *blog* é “uma abreviação das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registravam os eventos das viagens). Na realidade os *blogs* podem ser considerados autênticos diários, mas em formato eletrônico”. Um dos usos do *blog* é a exaltação do narcisismo ao inserir imagens, poemas e outras expressões com objetivo de exibir o “eu” a uma determinada comunidade (RODRIGUES, 2011, p. 2-3).

Friederichs (2009, p. 23) caracteriza *blogs* como “páginas *on line*, pessoais, dinâmicas, interativas que podem tratar de variados assuntos”. Halmann (2006)

aproxima sua definição de *blog* dos diários, entretanto, avisa que “os *blogs* não são simples transposições dos diários íntimos de papel para *web*. Há todo um processo de remediação envolvido neste processo, ou, quem sabe, até sejam processos completamente distintos” (HALMANN, 2006, p. 28). Komesu (2010) caracteriza o *blog* como espaço para a expressão da escrita e a escolha de imagens e sons que compõem o texto disponível.

Para Sibilía (2008, p. 12-13), os *blogs* podem ser utilizados como “diários *éxtimos*” por “expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede”. A autora informa que os primeiros *blogs* surgiram no final do século passado. Em 2005, havia onze milhões. Segundo sua pesquisa, a blogosfera acolhia no ano de publicação de seu livro cerca de cem milhões de diários, as quantidades tendem a dobrar a cada seis meses, pois todos os dias, novos/as escritores/as tendem a publicar diferentes *blogs*. Tomando por base os dados fornecidos por Sibilía (2008), no primeiro semestre de 2013 são esperados aproximadamente um bilhão de *blogs*.

As quatro autoras apontam diferentes explicações para esse espaço midiático. O *blog*, em minha concepção, é um território em que os sujeitos se expressam utilizando textos próprios ou selecionando textos de outros/as autores/as e recebem colaborações por meio da ferramenta de comentários que pode ou não estar inserida no *blog*. Quanto aos assuntos discutidos, as autoras concordam que são diversos e que são expressões de ideias e posicionamentos dos/as autores/as sem censuras. “Na *web*, o internauta relata o que lhe interessa, a quem quiser ouvir, sem intermediários que cortem sua liberdade. Provavelmente por ser muito simples, rápido e barato criar um *blog*, estes se tornaram um fenômeno social em pouco tempo” (HALMANN, 2006, p. 29).

Komesu (2010) colabora com as considerações de Hallmann (2006) ao discutir que os/as blogueiros/as<sup>4</sup> contam do seu cotidiano e da história de pessoas consideradas comuns. Friederichs (2009, p. 23) indica que “falar é exprimir com palavras, dizer, contar, narrar, conversar, dialogar” e ressalta que a fala está relacionada com os saberes e as verdades ditas. Desse modo demonstram as relações de poder culturais e sociais das quais o sujeito participa. “Saberes e verdades que não são fixos nem estáveis e são

---

<sup>4</sup> Termo popular usado para denominar aqueles e aquelas que têm um *blog*.

mobilizados pelos discursos e representações que são, em determinados períodos, privilegiadas” (FRIEDERICHS, 2009, p. 23-24).

Além dessa oportunidade de não haver uma censura exercida por um indivíduo, a autora evidencia que os *blogs* podem se relacionar, desenvolvendo uma “blogosfera<sup>5</sup> cada vez maior, fazendo deste um **fenômeno social**, onde fica em evidência a criatividade humana” (HALMANN, 2006, p. 30, grifos da autora). A autora registra que outra característica do território midiático que seria o dinamismo. Sua explicação é que em tese qualquer um/a que conheça os conceitos mínimos da internet e tenha vontade de escrever pode ter um *blog*. No exercício de alimentação de conteúdos desse território, o blogueiro percebe os consumos de informação e busca outras informações para incrementar sua postagem, o que dá curiosidade para conhecer outras áreas que se relacionam com os conteúdos de conhecimento e que podem ser interessantes para o *blog* tal como “o jornalismo, a educação, a produção e disseminação da ciência” (HALMANN, 2006, p. 30-31).

Komesu (2010) ressalta como uma das características principais dos territórios midiáticos da internet seria a interatividade e troca de informações de maneira instantânea, oportunizando aos sujeitos partilharem o espaço virtual ao mesmo tempo em espaços diferentes do globo. “O suporte material da internet coloca o escrevente em contato com o Outro. Sua utilização condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais” (KOMESU, 2010, p. 114).

Baltazer e Aguaded (2005) consideram o *blog* um instrumento de comunicação que permite comentários e enriquecem o material por oportunizarem discussões sobre os temas disponibilizados. O território midiático recebe influências de diferentes discursos que são perpassados de saberes e poderes que compõem os ditos e os silenciamentos. É um espaço com possibilidades em ser individual ou coletivo, ter um só tema ou abordar vários, não é um espaço sem poder, sem domínio. O *blog* é um território e seu dono ou sua dona é quem subjetiva e se apodera dos discursos presentes ali.

---

<sup>5</sup> O termo *blogosfera* é utilizado para apresentar um grupo de *blogs* que publicam sobre assuntos comuns e se citam e relacionam-se entre comentários e colaborações nos conteúdos dos/as participantes.

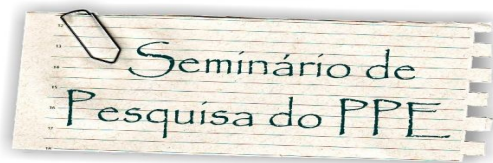
Araújo (2009) defende que o uso do *blog* na educação pode contribuir para a construção do conhecimento e possibilitar os processos de autoria e autonomia entre professores/as e alunos/as. Para Friederichs (2009, p. 15), as publicações feitas em *blog* são resultantes das práticas discursivas decorrentes das culturas das quais os/as blogueiros/as têm contatos. Sua hipótese é que os *blogs* podem “produzir ‘verdades’ e saberes na contemporaneidade”. Os *blogs* também contribuem para informar sobre assuntos que não são temas nos meios de comunicação hegemônicos.

Halmann (2006) corrobora para nossa pesquisa por defender que a identidade é uma construção com “infundável quebra-cabeças”. Ao perceber essa identidade como uma construção interminável, suas colaborações se aproximam da visão que defendo, da identidade como posicionamentos do sujeito, como inferem os autores e as autoras dos Estudos Culturais e os Feministas. Para Araújo (2009), a educação deve oferecer uma colaboração para a vida, desse modo não se exige uma forma fixa, e sim uma oportunidade de perceber suas vivências e suas experiências no mundo.

As mídias são artefatos culturais, Friederichs (2009) explica que atuam como pedagogias culturais ensinando modos de ser, pensar e agir no mundo. Assim como meu trabalho, o de Friederichs (2009) se inscreve na perspectiva feminista.

[...] ao adotar um referencial feminista, coloco em xeque o determinismo biológico que tem alicerçado as relações de poder entre os sexos, instituído binarismos, atribuído valores ao que pertence ao homem e à mulher, determinado e autorizado a sexualidade dos corpos. As mulheres e aqueles/as que se desviaram da “norma”, cunhada pelo homem branco, heterossexual, burguês, judaico-cristão e validada pela ciência, foram posicionados/as em polos de menor valor (FRIEDERICHS, 2009, p. 18).

Assumo aqui as perspectivas de Friederichs (2009) como uma inspiração para a análise dos discursos de professores/as sobre o gênero em suas publicações nos *blogs*. A autora salienta que os *blogs* são parte da cultura e a escrita nesses territórios é “um ato público”. Sua argumentação é que, ao escrever, os/as blogueiros/as reivindicam um espaço público para “expor seu pensamento, suas críticas, ideias e pretensões” (FRIEDERICHS, 2009, p. 43).



Ao falar de si, o autor denota seu *blog* como um território da subjetividade. Sibilia (2008, p. 16) explica que as subjetividades “são modos de ser e estar no mundo, longe de toda essência fixa e estável que remete ao ‘ser humano’ como uma entidade a-histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições culturais”. Desse modo, há influências dos contextos biológicos, sociais e culturais para pensar o mundo e a si. Nessa perspectiva, a cultura dá contornos para que o indivíduo se aproxime do grupo, compreenda as relações entre ele e seus/suas interlocutores/as estão imersos/as nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos.

### **Professoras blogueiras: educadoras de mulheres**

Para fins do recorte exigido pelo evento e no intuito de pensar os discursos de professoras sobre ser mulher e discutir as possibilidades dos *blogs* como artefatos culturais e territórios midiáticos que contribuem para a discussão, problematização e a formação de professoras acerca das questões de gênero. Selecionei duas postagens feitas por professoras blogueiras em 8 de março, dia em que discutimos a necessidade de conscientização das questões das mulheres e os preconceitos e estereótipos que perpassam sua formação como sujeitos, identidades e professoras.

A professora Cláudia Bonfim é pesquisadora de Educação Afetivo-Sexual e reside no Estado do Paraná. A professora/blogueira tem em seu território diversas postagens com vídeos, textos e comentários disponibilizados aos indivíduos que acessam os conceitos de gênero e sexualidade e estreitam as relações dos/as educadores/as com a formação de professores/as atentos/as às caracterizações das identidades de gênero e de sexualidade. A professora aponta essa norma em sua publicação no Dia Internacional da Mulher de 2011.

[...] nós mulheres só atingiremos essa liberdade e igualdade quando conseguirmos que a sociedade reconheça nossos potenciais intelectuais, culturais e profissionais, que estão muito além do reducionismo corporal feminino. Nossa luta não é apenas por liberdade, mas por conscientização, por pessoas capazes de refletir criticamente e então viver sua sexualidade de



maneira plena, mas responsável, superando a tradição patriarcal repressiva e a mercantilização permissiva e falsamente hedonista (BONFIM, 8 mar. 2011).

A professora/blogueira destaca a luta pela liberdade e pela formação de uma capacidade crítica que precisa desvelar as normas que foram instituídas pelas relações de poder e saber que foram constituídas pelas relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Na mesma publicação, a autora desvia da norma porque trata da necessidade de deixarmos as classificações que segregam “homens” e “mulheres”. Ela reverbera um enunciado normativo ao incitar o pensamento pautado em igualdade, respeito e ética.

Não são apenas os aspectos “humanos” que nos colocam como merecedores/as de respeito. Penso que além dessa unidade de nos colocar como seres humanos, o direito de expressar-se, de compreender suas relações com a sociedade e com as normas instituídas, as diferentes e múltiplas identidades precisam ser compreendidas. Os discursos dos jogos de verdades que instituíram o “ser masculino” e o “ser feminino” são construtos sociais e culturais que se pautaram em relações biológicas, religiosas e filosóficas e advêm das relações estabelecidas nos espaços sociais. Para Swain (2006, p. 7), todos são diferentes e “isto é inegável”, entretanto, essa diferença é construída por meio das “pedagogias sociais múltiplas” que caracterizam os seres humanos, mas diferenciam com base nos preceitos iluministas de normalidade.

A professora ressalta as violências simbólicas, físicas, morais, psicológicas que a sociedade impõe às “mulheres” consumidoras que encontram proposições de “ser mulher” nas atrizes e modelos que figuram as publicidades. Como explica Del Priori (2000, p. 13), a “tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação”.

Na continuação de sua expressão sobre o domínio do corpo das sociedades capitalistas, a professora/blogueira destaca que a roupa, os tabus, os preconceitos e os olhos maldosos são o que fabricam a nudez de forma mercantil, que reifica o ser humano e lhe confere atributos de pornografia, ao invés de libertar corpos e almas para relações de respeito. Ela apela para sua crença e luta de que “possamos nos desnudar

especialmente das garras da sociedade capitalista mercantil”. Defendo que realmente esse sistema econômico objetifica e atribui características de *vouyers*<sup>6</sup> e *fetiches*<sup>7</sup>.

Essa relação entre olhar e ser olhado é um dos discursos que perpassam as violentas ações e técnicas de “adestramento dos sujeitos”. Foucault (1987) utiliza o panóptico<sup>8</sup> para entender a relação de vigília e punição. Registro que esse sistema foi internalizado nos relacionamentos sociais, culturais, políticos e econômicos e que a constituição se dá também na vigília e na punição daqueles/as que não seguem as normas convencionadas socialmente. Essa relação acabou conferindo a educação dos meninos como uma educação *vouyerista*. Suas ações são sempre de vigília, de percepção das normas, do fazer como homem, do ser valente e vencer os desafios.

Meninas são ensinadas a “serem mulheres”, com base no caráter fetichista e a relação do “corpo para ser olhado”. Com base nas contribuições da compreensão de fetiche na obra de Ann Kaplan, para ressaltar que ao feminino foi restrita a representação como objeto, pois “ela é depositária do desejo masculino”. Desse modo verifico que as mulheres foram apresentadas do seguinte modo: “passiva do desejo masculino, ou afastando-se, como espectadora de uma outra mulher que é depositária passiva de desejos masculinos e de atos sexuais” (KAPLAN, 1995, p. 48).

Vigiar e punir se tornaram ações masculinas. Ao *vouyer* coube o papel patriarcal de vigiar aqueles/as que eram “adestrados/as” e punir os/as que não seguissem as linhas condutoras do projeto moderno de “ser mulher”. Essa objetificação da mulher como fetiche conferiu aos homens um poder de ação sobre a ausência de “ser” do feminino que precisa ser submisso (LESSA, 2005). As normativas patriarcais mostram o falo, a ação e silenciam os/as que não possuem essa constituição anatômica da mulher ou que fogem de seu empoderamento (gays, lésbicas, travestis e transexuais).

---

<sup>6</sup> O dicionário *online* de Português [<http://www.dicio.com.br/voyeurismo/>] define enquanto “excitação sexual apenas pela observação de cópula praticada por outros ou pela observação dos órgãos genitais de outrem; mixoscopia”. Seria a atribuição ao sujeito que espia outro e se excita ao assistir o sujeito espiado.

<sup>7</sup> O dicionário *online* de Português [<http://www.dicio.com.br/fetichismo/>] define enquanto “veneração exagerada, supersticiosa, de objetos inanimados que se crê estarem ligados aos espíritos e que, por isso, passam a representá-los simbolicamente”.

<sup>8</sup> O panóptico foi um modelo arquitetônico desenvolvido por Jeremy Bentham em 1785. Esse modelo é definido no dicionário *online* de Português [<http://www.dicio.com.br/panoptico/>] como “Sistema de construção que permite, de determinado ponto, avistar todo o interior do edifício”.

Lessa (2005, p. 45) contribui com essa análise ao mostrar que as mulheres aprendem que existem um “sistema policialesco de vigilância em nome de sua sagrada virgindade”. Essa vigília também aumenta a “obsessão *vouyerista*” do macho. A autora enfatiza que a mídia proporciona essa pedagogia cultural e toma como exemplo as propagandas, transmitindo mulheres seminuas tanto para a venda de carros como para as críticas sociais. Esse movimento de visibilidade que a mídia faz, Lessa (2005) denomina provisoriamente de “bundalização da mídia”.

Na publicação, Cláudia discute a emancipação feminina e a necessidade de uma educação equânime para os gêneros dissociando as características binárias e oportunizar aos meninos e às meninas uma formação sem separações entre símbolos masculinos e femininos. A professora/blogueira defende que se a menina fosse educada com acesso às mesmas exigências, honras, severidades e licenças que os meninos e participassem dos mesmos estudos, jogos e lhe oferecessem possibilidades de um mesmo futuro, os complexos psicológicos – ela se refere ao “complexo de castração” e o “complexo de Édipo” – seriam modificados. A defesa da professora/blogueira é que com uma educação não sexista, não haveria um mistério do Homem moderno. Ele seria desvelado pelas relações entre as diferentes identidades de gênero e sexualidade.

O que seria principalmente proveitoso à jovem é o fato de que, não buscando um semideus no macho — mas apenas um colega, um amigo, um parceiro — não se veria instalada a não assumir ela própria sua existência; o erotismo, o amor teriam o caráter de uma livre superação e não o de uma demissão; ela poderia vivê-los como uma relação de igual para igual (BONFIM, 8 mar. 2011).

A educação ofertada aos gêneros impõe uma relação de opressão/submissão. Cláudia responsabiliza as alunas por buscar um “semideus” no macho. Entretanto, sublinho que esta é uma das pedagogias que influenciam no gênero e na sexualidade de muitas moças heterossexuais. A visão do parceiro como o macho viril é uma das características do ensino *fetichista* da menina no processo de subserviência ao homem *vouyerista*.

Sobre a “escravatura da mulher”, como a professora/blogueira denomina a relação afetiva no patriarcado, sua proposição é de quebrar as normas instituídas para a formação de meninas e de meninos. Cláudia diz que o homem age como um possuidor de escravos/as, porque a educação machista na infância e a opinião pública marcam o feminino como instrumento do prazer e que para mudar as possibilidades de vivenciar as múltiplas identidades, a educação na perspectiva da diferença propõe repensar as condições impostas ao gênero, educando para o respeito.

Problematizo as afirmações que constituíram os binarismos históricos e como a formação de professores/as valoriza a oposição masculino-feminino que definem os conteúdos pela sua “tradicionalidade” e pela estagnação de sujeitos que se relacionam socialmente. Nas salas de aula, os discursos de gênero, de sexualidade, de raça, de etnia, de geração, de classe são conteúdos impregnados de concepções binaristas.

Durante a formação de professores/as é importante alertar para os processos de opressão e oportunizar aos/às alunos/as reflexões e ações críticas. A professora/blogueira considera “lamentável” a imagem da mulher reduzida às genitálias. Além desse reducionismo típico do projeto patriarcal e capitalista, nádegas e seios são transformados e divulgados pelas mídias como símbolo da mulher brasileira. Essa superexposição do corpo feminino colabora para uma reificação da mulher e uma redução das possibilidades de discussão e análise.

A sociedade patriarcal e seu discurso machista naturalizaram as violências contra “as mulheres”, “os/às homossexuais” e todos os preconceitos que foram enraizados como estigmas na sociedade moderna. Ser normal é pertencer à classe média, ser homem, ser branco, ser heterossexual e ser cristão. Ao não cumprir com essas identificações fixas, o sujeito será desfavorecido nas relações patriarcais e será condenado/a pelo discurso machista como inferior, fraco, abaixo, expropriado do direito de ser e discursar nas sociedades.

É necessário desnaturalizar e condenar essa violência. A educação, como explica Foucault (2009), é um sistema que propõe manter ou modificar uma compreensão e uma sociabilidade. A formação de professores/as passa por esse processo de propor mudanças, de inovar as relações entre os indivíduos e os discursos que a sociedade

impõe como certos e errados. Problematizar as múltiplas identidades de gênero é questionar a dominação causada e opressiva aos sujeitos que são diferentes.

A outra professora/blogueira não se identifica por nome, apenas tem um indicativo no endereço do *blog* para Nana Rey, que passo a utilizar para representá-la. Ela reside no Estado de São Paulo. Ela apresenta seu território como “um *blog* que vai divulgar meu trabalho em educação a partir das experiências que deram certo principalmente tem a intenção de compartilhar práticas e experiências pedagógicas, que podem auxiliar você na difícil tarefa que é ENSINAR. Sejam todos bem vindos!!” (REY, 2011). Nana sugere que seu *blog* seja um espaço de auxílio no processo pedagógico, oferecendo atividades como uma proposta de intervenção concatenando com a formação de professores/as.

A professora/blogueira afirma que suas postagens estão inscritas em suas práticas pedagógicas que “deram certo”. Não há critérios para uma prática pedagógica “dar certo” ou “dar errado”. Problematizo essa ideia de certo e errado porque tem relação com a concepção de uma prática correta de educação. Não identifico um modo correto de ensinar ou contribuir para que alunos/as desenvolvam seus conhecimentos. A prática pedagógica está entremeada em diversas relações e cabe a cada grupo, aluno/a e professor/a constituírem seus passos pedagógicos.

No dia 8 de março de 2011, a professora/blogueira em sua publicação apresenta uma síntese histórica do surgimento do Dia Internacional da Mulher, o surgimento da data que não era apenas para comemoração. Nana ressalta que em muitos países esse dia é para a realização de “conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual”. Essas questões de gênero envolvem os posicionamentos sugeridos às mulheres como uma norma estabelecida.

A professora/blogueira ressalta ainda o sofrimento de mulheres com “baixos salários, violência masculina, jornada excessiva de trabalho e desvantagens na carreira profissional”. No final o texto diz que “muito foi conquistado, mas muito ainda há muito para ser modificado nesta história”. Identifico uma ação importante à informação histórica sobre a data do Dia Internacional da Mulher, entretanto, conceituá-la e localizá-la historicamente, sem evidenciar outras lutas, os processos políticos e a

necessidade de discutir esse dia de reflexão no espaço escolar, mantém esse texto no discurso normativo que apenas reproduz os textos dispostos em muitos *sites* e *blogs*.

Nana ressalta as relações presentes na normatização do papel feminino na sociedade e que o acesso à profissionalização e ao espaço político foi uma conquista dos movimentos feministas e de suas estratégias de luta. Entretanto, o acesso é apenas o início de uma oportunidade de desenvolvimento dos sujeitos e de suas múltiplas identidades de gênero. Ao focar a representação da mulher, reconheço as lutas e conquistas do movimento feminista mostrar a existência de uma segregação binarista alimentada pelo discurso moderno de “ser homem” e de “ser mulher” na sociedade. Ainda há imposições patriarcais e falocráticas que oprimem e silenciam as mulheres na sociedade globalizada da informação.

Outro poema publicado pela professora/blogueira, no dia 8 de março de 2011, define as mulheres como “multimídia, multitarefa, multifaceta, multi-acaso...multicoração...”, “SER que dá conta”. Além desses posicionamentos sobre o “ser mulher”, o poema ainda afirma que um mundo mais feminino seria “mais rosado e sensibilizado, mais equilibrado e perfumado...” (REY, 8 mar. 2011).

Legitima-se que a “mulher de verdade”, além de ter um corpo bonito, magro, jovem e saudável, é heterossexual, dócil, tem um corpo naturalmente feito para exercer a maternidade, mãos delicadas para ser cuidadora e habilidosas para ser uma boa cozinheira, tempo e paciência para as tarefas domésticas. Preceitos que fazem o feminino, imprimem delicadeza e a habilidade em seus gestos, a docilidade e o zelo no seu olhar, a ternura em suas palavras (FRIEDERICHS, 2009, p. 108).

Esta proposição de Friederichs (2009) ressalta os aspectos de mantenedora e delicada que são atribuídas às identidades de gênero femininas. Esses discursos ressaltam o aspecto imposto pelo patriarcado ao caráter frágil e polivalente da “mulher” que precisa servir ao marido, à casa e aos filhos. Esse discurso reforça as normas impostas às identidades de gênero que devem cumprir os papéis de “homem forte” e “mulher delicada”. A subserviência é a posição feminina definida pela estrutura patriarcal de que a mulher deve ser o objeto a serviço do homem.

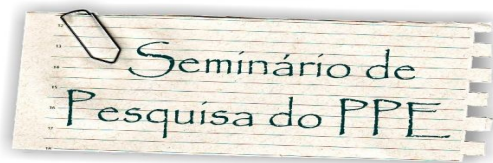
Registro a necessidade de recorrermos as discussões feitas por Scott (1995, p. 72) sobre o aparecimento do conceito de gênero para a desnaturalização das relações que abarcam os contextos das identidades culturais e dos discursos que compõem o ideal de feminilidade. Gênero indica “uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’”. Assumindo a perspectiva de que “o pessoal é político”, as feministas contribuíram para percebermos os discursos que fixaram as possibilidades de ser mulher nas sociedades.

[...] o termo “gênero” não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível) [...] inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo “gênero” constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80 [...] Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

Reconheço a contribuição do termo “gênero” com base na afirmação de Scott (1995, p. 76) como um “sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” para salientar que essas perspectivas que florescem dos estudos acerca das relações de gênero possibilitam outros modos de educar. Não naturalizar ou engendrar os sujeitos em modos fixos de viver suas identidades, denota possibilidades de atuação na realidade social, cultural, política e econômica, para a formação das subjetividades, para a mudança dos chamados paradigmas do conhecimento e para uma releitura das possibilidades de se vivenciar as identidades de forma a garantir o respeito como princípio e a diferença como direito aos sujeitos da educação.

### **Considerações Finais**

Assumir politicamente o uso dos *blogs* como artefatos pedagógicos e territórios de subjetivação para pensar as possibilidades de ser mulher é um investimento político



para a formação das subjetividades como uma possibilidade de formar professoras. Vislumbro que esse uso tem suas limitações devido às necessidades de tempo para coletar, elaborar e formular discussões acerca das relações de gênero.

Reconhecer os discursos disponíveis nesses territórios, suas subjetivações e a historicidade com constrói as vivências e experiências dos sujeitos é uma possibilidade para desacomodar as construções binárias e machistas sobre o ser homem e o ser mulher. Neste recorte enxergo as discussões plurais para pensar as feminilidades como posicionamentos fornecidos pelas professoras blogueiras sobre os modos de ser, pensar e agir como mulher no mundo. Com base nessas discussões, reafirmo a possibilidade pedagógica que o *blog* como artefato e território midiático para as formações subjetivas e para a construção de possíveis olhares para uma educação que desconstrua o sexismo, o machismo e a homofobia.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Michele Menghetti Ugolino de. **Potencialidades do uso do *blog* em educação** - Natal, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Disponível em: [bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde.../9/TDE.../MicheleCMUA.pdf](http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde.../9/TDE.../MicheleCMUA.pdf) Acesso em: 20 de abril de 2011.

BALTAZAR, Neusa; AGUADED, Ignacio. **Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação**. Aveio, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br>. Acesso: 3/12/2010.

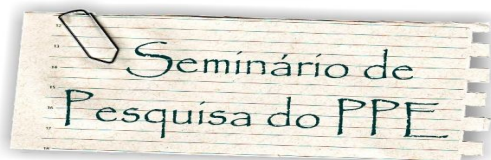
CHRISTENSEN, Ole; TUFTE, Birgitte. Mídia-educação - entre a teoria e a prática. Florianópolis: **Perspectiva**. v. 27, n. 1, 2009. p. 97-118.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

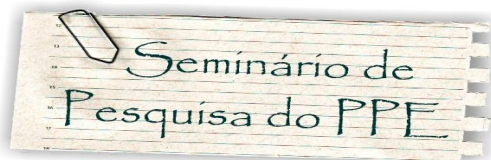
FOUCAULT. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FRANCO, Maria de Fátima. **Blog Educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa**, 2005. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/416/402>. Acesso: 17/05/2011.





- HALMANN, Adriane Lizbehd. **Reflexões entre professores em blogs**: aspectos e possibilidades. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2006.
- KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 110-119.
- LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda**: uma leitura do discurso publicitário nos *outdoors*. Londrina: Eduel, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 7-34.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. 1. Ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PLANT, Sadie. **Mulher digital**: o feminino e as novas tecnologias. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.
- RODRIGUES, Catarina. **Blogs**: uma ágora na Internet. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-na-net.pdf>>. Acesso em 17 de abril de 2011.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, 1995, (71-99).
- SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. **XII COMPÓS**: Recife/PE, 2003.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SWAIN, Tania Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. In: **Labrys** - estudos feministas, 2006. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/labrys10/livre/anahita.htm>>. Acesso em: 17/07/ 2012.



TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá/PR: Eduem, 2006.

\_\_\_\_\_. Sobre Mídia, Educação e Estudos Culturais. *In*: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Orgs). **Pesquisa em Educação**: múltiplos olhares. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

## FONTES

BONFIM, CLÁUDIA. **Educação e Sexualidade**. Disponível em:  
<<http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com>>. Acesso em:  
04/12/2011.

REY, Nana. **Experiências em Educação**. Disponível em:  
<<http://nanareyeducacao.blogspot.com>>. Acesso em: 04/12/2011.